

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**FRANCISQUINHA GALVÃO CARNEIRO**

**BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE UM  
SINTOMA SOCIAL**

GOIÂNIA

2020

FRANCISQUINHA GALVÃO CARNEIRO

**BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE UM  
SINTOMA SOCIAL**

Monografia elaborada para fins de avaliação parcial de Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Clélia Brandão Alvarenga Craveiro

GOIÂNIA

2020

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIAS  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**AVALIAÇÃO DO TRABALHO DE MONOGRÁFICO**

<b>IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO</b>	
Acadêmico (a)	Francisquinha Galvão Carneiro
Título	<b>Bullying no Contexto Escolar: reflexões sobre um sintoma social</b>
Orientador (a)	Clélia Brandão Alvarenga Craveiro
Leitor(a)	Nelson Carneiro Junior.

**1. AVALIAÇÃO**

**Orientador(a)**

Conteúdo.....(até 7,0): \_\_\_\_\_ ( 7,0)

Apresentação Oral .....(até 3,0): \_\_\_\_\_ ( 3,0)

**Leitor(a)**

Conteúdo.....(até 7,0): \_\_\_\_\_ ( 7,0)

Apresentação Oral.....(até 3,0): \_\_\_\_\_ ( 3,0)

**MÉDIA:** \_\_\_\_\_ **(10,0)**

**2. RECOMENDAÇÃO (assinalar uma opção)**

<input type="checkbox"/>	Aprovado em sua forma atual
<input type="checkbox"/>	Aprovado com necessidade de adequação (especificar nos comentários)
<input type="checkbox"/>	Reprovado

**Goiânia, 30 de novembro de 2020**

## **DEDICATÓRIA**

A Deus, ter me concedido força para que eu pudesse chegar até aqui.

Ao meu esposo, Ancelmo e a minha filha Walentyna pelo incentivo maior, e à minha família pelo apoio e por acreditarem em mim.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida e por me proporcionar coragem e força para que eu pudesse realizar esse sonho. Por todo o meu caminhar ele esteve comigo me reerguendo a cada tomo levado.

Ao meu querido esposo, Ancelmo de Santana Souza, pelo cuidado, incentivo, carinho e companheirismo.

À minha filha Walentyana, por me fazer acreditar e lutar por uma sociedade mais justa e igualitária.

Aos meus pais, por me ensinarem a trilhar e andar no melhor caminho e por torcer para que esse dia chegasse.

Aos meus irmãos e amigos por acreditarem no meu potencial e mesmo distante, compartilho com eles essa vitória. Agradeço especialmente a minha cunhada Juliana Dantas por dividir comigo seus conhecimentos e suas experiências sobre o tema desse trabalho.

Aos meus professores, pelos conhecimentos compartilhados.

Em especial, o meu muito obrigada à minha ilustre orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Clélia Brandão Alvarenga Craveiro, pela parceria e paciência nesta caminhada.

Agradeço também à gestão do curso e ao Prof.<sup>o</sup> Nelson Junior por ter aceito ser o leitor do meu trabalho.

As minhas colegas de curso da turma A01 em especial à Aylla Guimarães, Marli Alves, Layanne Hevellyn e Tamara Rabelo por estarem ao meu lado desde o início do curso.

A todos que de forma direta e indireta contribuíram para que eu chegasse até aqui.

## **BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: REFLEXÕES SOBRE UM SINTOMA SOCIAL**

Francisquinha Galvão Carneiro\*  
Clélia Brandão Alvarenga Craveiro\*\*

**RESUMO:** O fenômeno do bullying é considerado como violência que afeta o desenvolvimento social e cognitivo da criança sendo analisado como um problema social que afeta o desenvolvimento da criança como um todo, por suas consequências graves, tal comportamento é capaz de influenciar a qualidade do ensino-aprendizagem e da socialização entre as crianças, é uma violência que está cada vez mais presente na escola. Com base nesta reflexão o estudo apresenta, por meio de uma revisão bibliográfica, as manifestações do fenômeno bullying no contexto escolar. Para tanto, foram utilizados textos da literatura, artigos e livros, que serviram de embasamento teórico para esta revisão, resgatando assim alguns conceitos. Buscamos caracterizar no decorrer do estudo o bullying, o contexto histórico no Brasil e no mundo e o que rege a legislação e as mudanças que ocorreram. Estudou-se ainda, o papel dos docentes, da escola e da família no enfrentamento desta violência, suas possíveis causas e formas de combatê-lo em busca de uma educação voltada para a paz. Dessa forma, a pesquisa procurou situar os primeiros estudos realizados sobre o bullying, características, causas, consequências e principais papéis sociais dos envolvidos nesta situação.

**Palavras-chave:** Bullying. Criança. Violência.

---

\* Graduada do Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, e-mail: fran2011ancelmo@gmail.com.

\*\* Professora Titular da PUC Goiás. Doutoranda em Educação. Orientadora.

## LISTA DE ABREVIATURAS

ABRAPIA	- Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência
CF	- Constituição Federal
CP	- Código Penal
DEPAI	- Delegacia de Polícia de Apuração de Atos Infracionais
DOU	- Diário Oficial da União
ECA	- Estatuto da Criança e do Adolescente
FLACSO	- Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais
IBGE	- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	- Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	- Ministério da Educação
ONU	- Organização das Nações Unidas
PPP	- Projetos Políticos Pedagógicos
UNICEF	- Fundo das Nações Unidas para a Infância

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>O CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL, NACIONAL E INTERNACIONAL, EM QUE O BULLYING SE EVIDENCIA .....</b>	<b>10</b>
<b>1.1 O fenômeno do bullying em sua dimensão social, humana, pedagógica .....</b>	<b>10</b>
<b>1.2 A legislação referente ao bullying .....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>A UNIVERSALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA E O BULLYING .....</b>	<b>23</b>
<b>2.1 O contexto escolar e o fenômeno do bullying .....</b>	<b>23</b>
<b>2.2. Bullying: causas e consequências para as crianças .....</b>	<b>31</b>
<b>CAPÍTULO 3</b>	
<b>O OLHAR, A REFLEXÃO E AS ATITUDES DOS EDUCADORES, PARA A REALIDADE DO BULLYING .....</b>	<b>39</b>
<b>3.1 A gestão escolar frente às manifestações do fenômeno bullying .....</b>	<b>39</b>
<b>3.2 Os professores e o enfrentamento do bullying .....</b>	<b>42</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>47</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>49</b>



## INTRODUÇÃO

O ambiente escolar, por séculos é visto como parte do processo que contribui com a formação do sujeito. Nesse sentido a educação é entendida como uma das mediadoras ao acesso à várias dimensões dessa formação, entre elas, da histórica, da produção do conhecimento, da vivência dos Direitos Humanos, bem como, do próprio direito à educação um dos alicerces para a mudança social.

Nesse sentido, a escola torna-se um espaço que contribui com a formação humana do sujeito desenvolvendo os conhecimentos científico, cultural, artístico, no processo de ensino aprendizagem, nas atividades curriculares. Dessa forma, a instituição educativa influencia o ser humano em suas decisões, seu comportamento e sua condição de cidadão perante a sociedade, sendo um fator de grande importância para o desenvolvimento escolar e social do sujeito.

O fenômeno do bullying é considerado por diversos autores como violência que afeta o desenvolvimento social e cognitivo da criança sendo analisado como um problema social que afeta o desenvolvimento da criança como um todo, por suas consequências graves, tal comportamento é capaz de influenciar a qualidade do ensino-aprendizagem e da socialização entre as crianças, é uma violência que está cada vez mais presente na escola. Devido a essa reflexão surgiu a importância de abordar o tema: “O fenômeno do *bullying* uma violência cada vez mais presente nas relações entre as crianças e os jovens”, no contexto desta pesquisa monográfica.

Um dos fatores que mais contribui para a propagação desse prejuízo social é a falta de informação, de modo geral, como também dos professores, alunos e da comunidade sobre esse assunto o que dificulta intervenção. Nesse sentido gerou-se a seguinte problemática: compreender o fenômeno do bullying em sua dimensão social e pedagógica no espaço escolar e responder em que medida a instituição educacional se vê como partícipe do processo dando visibilidade ao tema do bullying e as possíveis estratégias de encaminhamento.

E para responder tais questionamentos, definiu-se como objetivo geral: Compreender o fenômeno do bullying em sua dimensão social, humana e pedagógica. Com essa finalidade os seguintes objetivos específicos são as bases de sustentação: Identificar as interfaces do bullying no contexto histórico internacional, nacional e regional; Identificar de que maneira o bullying afeta a criança em seu desenvolvimento

social, afetivo, cognitivo; Demonstrar a função social da escola e o papel dos educadores frente à realidade do fenômeno bullying.

No primeiro capítulo serão abordados os conceitos e contextos históricos e legislativos do bullying na escola, englobando a definição e as diferenciações do mesmo em relação aos outros atos, expondo no contexto histórico e mostrando também o que a legislação diz, e as mudanças que ocorreram no decorrer do tempo na educação e na escola. Será abordado segundo capítulo a temática “O bullying no contexto escolar na atualidade” definiremos as causas e consequências dos bullyings, as características das vítimas e dos agressores. Como esse fenômeno bullying tem se manifestado dentro do contexto escolar e como a escola tem buscado constituir uma formação cidadã e prevenir a violência dentro do seu espaço.

No terceiro capítulo abordaremos o seguinte assunto “A realidade do bullying na escola” com o intuito de refletir sobre as práticas pedagógicas, o olhar, a reflexão e as atitudes dos professores para a realidade do bullying na sala de aula. A importância das atitudes dos profissionais da escola na prevenção e conscientização frente a um fenômeno que traz um grande conflito para educação.

Nesse sentido essa investigação tem como ponto de partida a pesquisa bibliográfica de cunho exploratório com a abordagem dos autores como Fante (2005), Arroyo (2007), Bezerra e Porto (2010), Abramovay (2006), Silva (2010), Fischer (2010), Lopes Neto (2011). entre outros, tendo como ponto fundamental os seus princípios e a sua importância para a melhoria no contexto escolar.



## **CAPÍTULO 1**

### **O CONTEXTO HISTÓRICO E SOCIAL, NACIONAL E INTERNACIONAL, EM QUE O BULLYING SE EVIDENCIA**

#### **1.1 O fenômeno do bullying em sua dimensão social, humana, pedagógica**

Compreender o fenômeno do bullying em sua dimensão social, humana, pedagógica exige que se considere o direito de todos à educação, o contexto internacional, nacional em que o assunto é apresentado, a legislação brasileira pertinente, a educação escolar frente a esse fenômeno. Nesse sentido a Constituição Federal de 1988 nos seus artigos 205 e 206 assegura que:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola;

II - Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar o pensamento, a arte e o saber;

III - pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência de instituições públicas e privadas de ensino;

IV - Gratuidade do ensino público em estabelecimentos oficiais;

A palavra bullying, no dicionário online de português, é um verbo de origem inglesa que surgiu inicialmente nas escolas e significa “intimidação”. O termo é uma derivação de bully que, significa “valentão”. A palavra ficou conhecida, como as formas de atitudes agressivas sejam elas verbais e/ou físicas que acontecem sem aparente razão ou motivação clara. Sabe-se que bullying é um mal que atinge todas as escolas nessas últimas décadas independente da classe social. Para Fante e Pedra (2005):

O fenômeno bullying é minimizado a partir do envolvimento de toda comunidade escolar, e os professores precisam estar atentos, pois desde os anos iniciais o bullying já pode ser percebido, assim, se a violência é aprendida, a paz também pode ser. (FANTE; PEDRA, 2005, p. 43).

Prosseguindo, a autora destaca que foi ao final dos anos de 1982, que a gravidade desses atos passa a chamar à atenção da sociedade. Isso se dá, quando um jornal noticia o suicídio de três crianças com idades entre 10 e 14 anos, no norte da Noruega. A avaliação feita à época desse ato extremo que essas crianças cometeram contra a própria vida teria sido motivado principalmente pela situação de

maus-tratos a que eram submetidas pelos seus companheiros de escola. O mundo todo ficou abalado. Isso fez com o governo norueguês tomasse uma atitude para acalmar os ânimos populares.

A partir daí, e em especial após essa tragédia e outras que se seguiram o bullying tornou-se objeto de estudo, onde pesquisadores como Dan Olweus, buscaram a causa e constataram dados numéricos sobre esse fenômeno. Em 1983 Dan publicou um livro sobre o assunto com revelações que comoveram a sociedade civil. Foi então que o Ministério da Educação da Noruega realizou uma campanha em larga escala, visando o combate ao bullying escolar. Com o apoio de Dan Olweus pesquisador e professor da Universidade de Berger, que já estudava o comportamento agressivo entre pares desde a década de 70, foi proposto à realização de um programa intitulado ante bullying. Esse Programa centrou-se na realização de uma pesquisa com mais de 80 mil estudantes e centenas de professores do país, aproximadamente mil com o objetivo de detalhar as ocorrências e a natureza dos atos considerados agressivos.

Esse programa ante bullying para Voors citado por Moura (2012) trouxe benefícios para todos os estudantes e reduziu o comportamento agressivo na escola. Não só uma redução de bullying, mas acarretou um menor incidente de violência, mas a moral escolar foi elevada, a evasão escolar foi reduzida, e o desempenho acadêmico geral melhorou. Registra-se ainda, que resultado desse projeto foi considerado animador e se expandiu para outros países como Islândia, Suécia, Lituânia e Estados Unidos da América. Entretanto foi em território Americano que se avalia que sua contribuição foi significativa. Assim, por lá se instalou, e até atualmente é a principal referência em pesquisas e artifícios de intervenção sobre o fenômeno bullying no mundo. A importância e o pioneirismo dos estudos realizados por Olweus tem a seguinte avaliação:

[...] desenvolveu os primeiros critérios para detectar o problema de forma específica, permitindo diferenciá-lo de outras possíveis interpretações, como incidentes e gozações ou relações de brincadeiras entre iguais, próprias do processo de amadurecimento do indivíduo. (FANTE; PEDRA, 2005, p. 45).

Dessa forma, os vários trabalhos realizados por esse pesquisador apresentam elementos fundamentais para o estudo desse tema, pois obteve informações

detalhadas sobre o que de fato é bullying e de como ele acontece, <sup>1</sup>utilizando esses conhecimentos para ramificar os demais estudos em diversos países. Avalia-se também que o investimento dos diversos países no combate, a esse fenômeno é diferenciado, uns aplicam mais outros menos, no entanto que o que se sabe é que esse fenômeno vem crescendo muito rápido, se tornando uma situação social epidêmica e prejudicial, uma vez em que da mesma forma que se aumenta as ocorrências, cresce também as formas que os agressores usam para atingir suas vítimas, com agressividade cada vez mais elevadas.

Países como Suécia, Finlândia, Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Países Baixos, Japão, Irlanda, Espanha e Austrália, têm índices ainda maiores de ocorrências de bullying que a Noruega, Fante (2005). Em 2010 os EUA iniciaram uma campanha anti-bullying com artistas influentes após ataques e perseguições direcionadas na maioria das vezes a homossexuais.

O bullying causa preocupação aos países mais desenvolvidos por atingir diretamente a qualidade da educação de suas crianças, comprometendo assim o futuro do país e esses dados expressam a triste realidade encarada por aqueles que sofrem calados com esses ataques. Segundo Fante e Pedra (2005, p. 46): “O que se sabe é que em relação à Europa, no que se refere aos estudos e tratamento desse comportamento, estamos com pelo menos 15 anos de atraso”.

Os estudos têm demonstrado que no Brasil o bullying é um fenômeno que existe há bastante tempos. Os primeiros manifestos do fenômeno atingiram significativamente o desenvolvimento de todo cidadão brasileiro, guardados no subconsciente da sociedade que age com naturalidade sobre todo o contexto histórico vivenciado pelas vítimas e maus tratos e humilhações desde a colonização desse país. A intolerância adotada até os dias atuais, no que se refere à temática causa angústia, dor e sofrimento aos que não seguem estes padrões ou até mesmo para aqueles que não podem se “encaixar” a estes modelos estabelecidos. Os estudos sobre a violência escolar com características de bullying no Brasil ainda é assunto de insuficientes estudos, pouco se discute nas escolas e muitos desconhecem o assunto, sua gravidade e seu crescimento assustador.

---

<sup>1</sup> O professor pesquisador dedicou aproximadamente 40 anos de sua vida em pesquisas que envolvem a intimidação entre jovens e crianças em idade escolar, tais desafios são vivenciados até nos dias atuais, maior ou menor escala nos demais países que pesquisam o fenômeno. Segundo Olweus (2001).

Aqui no Brasil pesquisas voltadas ao tema tiveram início no final da década de 90 e início de 2000, com profissionais da educação na linha de frente. Os primeiros estudos acerca do tema bullying foram desenvolvidos pela professora Marta Canfield e seus colaboradores em (1997). A pesquisa concentrou-se em quatro escolas de ensino público, em Santa Maria (RS), posteriormente, os professores Israel Figueira e Carlos Neto (2000-2001) estudaram duas escolas municipais do Rio de Janeiro, ainda também no Rio de Janeiro foram concretizadas pesquisas com maiores proporções pela Associação Brasileira Multiprofissional de proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA). Essas pesquisas atingiram 11 escolas municipais com aproximadamente 5.875 alunos de 5<sup>o</sup> a 8<sup>o</sup> séries, os resultados divulgados mostraram que 40,5% desses alunos admitiram estar envolvidos em bullying. Dado que leva a interpretar que pesquisa constatou que o bullying está presente em todas as escolas brasileiras e com índices ainda maiores em relação aos demais países investigados, pois as pesquisas realizadas no Brasil não abrangem o país em sua totalidade.

Esses estudos demonstram que o grande desafio é de compreender que o bullying não é uma brincadeira inofensiva, e sim um problema que ameaça todos os cidadãos principalmente em idade escolar. A palavra bullying é praticamente ignorada no seu significado. No entanto, quando praticado é imediatamente compreendido e associado a casos de maus tratos no ambiente educativo, o que leva a um entendimento de ser um fenômeno conhecido por toda a comunidade escolar. Apesar das inúmeras denúncias ocorridas a vara da criança e da juventude o número de agressões ainda é relativo à quantidade de denúncias, apontando algo muito maior, onde escolas em todo país omitem os casos para não perder “nome” de boa escola e número de alunos matriculados, o que é particularmente um tanto desprezível para com as vítimas.

Sobre o pioneirismo dos estudos, das pesquisas sobre o fenômeno bullying no território brasileiro destaca-se Cléo Fante (2000-2004), que em seus trabalhos, suas pesquisas caracterizam o bullying com maiores detalhes, proporcionando as primeiras reflexões sobre o assunto nas escolas brasileiras e de suas consequências na vida dos envolvidos. A partir do ano 2000 pesquisas foram realizadas no interior do Estado de São Paulo. A pedagoga e pesquisadora faz o mapeamento da realidade da violência nas escolas selecionadas. Esses estudos foram desenvolvidos sem nenhum apoio governamental, diferente dos outros países que investiram em projetos preventivos.

Segundo Silva (2010) estima-se que cerca de 40% dos indivíduos em idade escolar, estejam envolvidas em condutas agressivas dentro do ambiente educacional. Neste quadro estatístico, incluem-se tanto os jovens vítima de violência quanto os próprios agressores. Essas estatísticas tendem a ser ainda maiores, pois não foram incluídas nas pesquisas os espectadores que também são afetados diretamente pela convivência constante de tensão, temendo ser a próxima vítima afetando o desempenho escolar.

Atualmente as pesquisas se concentram no Distrito Federal usando de estratégias viáveis e com a colaboração voluntária de vários profissionais de diversas áreas, com o intuito de conscientizar pais, professores, estudantes por meio de palestras, seminários e congressos. Daí também, incentivando novos estudos e pesquisas. Destaca-se o empenho dos pesquisadores brasileiros que demonstram um incansável propósito ao pelo combate ao bullying, usando de recursos próprios para custear suas pesquisas em prol da qualidade escolar nessa luta contra o bullying em todo território brasileiro.

No ano de 2002 a 2003 com o programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes criado pela ABRAPIA, foi possível notar uma melhora significativa da conduta agressiva entre os estudantes, beneficiando o ambiente escolar, o grau de aprendizado, o cuidado ao patrimônio, e especialmente nas relações humanas entre iguais. Os resultados dessa pesquisa têm os seguintes dados apresentados por Lopes Neto (2005, p. 166), evidenciam os resultados positivos do projeto utilizado em escolas brasileiras:

Percentual	
79,9%	Dos alunos admitem saber o que é bullying
6,6%	Redução de alunos alvos do bullying
12,3%	Alunos autores de bullying
60,2% para 39,3%	Queda na indicação da sala de aula como o local com maior incidência de atos de bullying.
46,1%	Redução do número de alunos que admitiram gostar ver o colega sofrer bullying.
75,9%	Crescimento na redução de casos de bullying entre os alunos alvos que buscaram ajuda e receberam intervenções.
472,7%	Aumento na compreensão de que a prática de bullying é um ato de maldade.
45,6% para 68%	Autores de bullying que admitiram ter recebido orientações quanto à inconveniência de seus atos.

Fonte: Lopes Neto (2005).

São resultados considerados animadores, sem contar que essas pesquisas não são acompanhadas como deveria por parte do governo, que lançam a própria sorte o trabalho desses pesquisadores que produzem incansáveis tentativas de ajudar ao máximo no resgate dos envolvidos a uma convivência harmoniosa e psicologicamente saudável. Alguns fatores podem ser considerados como prováveis desencadeadores de bullying, como questões sociais e educacionais na qual a criança está inserida.

Outra pesquisa realizada em maior escala, nas cinco regiões do Brasil, com o objetivo de esclarecer grandes lacunas pertinentes a este estudo segundo Fischer, (2010, p. 62) “[...] procura identificar e dar luz aos episódios de violência e maus tratos entre pares no ambiente escolar que traduz uma cultura contemporânea em que as formas de relação social merecem novos cuidados”.

Participaram deste estudo alunos, professores, pais e equipe técnica das escolas além de profissionais como pesquisadores e psicólogos, a escolha das escolas teve o devido cuidado para uma contribuição adequada, sendo analisada para estes requisitos a prova Brasil, que revela de uma forma geral como estas estão se desenvolvendo em ensino e aprendizagem, sendo selecionadas escolas com maior e menor rendimento. Na região Norte as cidades escolhidas foram Belém e Ananindeua; na região Sul, Porto Alegre e São Leopoldo; na região Sudeste, São Paulo e São José do Rio Preto; No Nordeste foram escolhidos São Luiz, Codó e Timbiras; na região Centro Oeste, Brasília, Samambaia e Braslândia.

De acordo com Fischer (2010) os resultados colhidos na região Centro Oeste chegaram aos respectivos resultados:

[...] região Centro Oeste a pesquisa se concentrou nas cidades citadas a cima, foram entrevistados 975 alunos, sendo 201, ou seja, 20,6% desses da rede privada de ensino e 774 sendo 79,4% da rede pública de ensino, entre as series escolhidas foram de 5º a 8º ano com idade entre 11 a 15 anos de idade. Do sexo feminino foram participantes 52,9% e do sexo masculino 46,3%, 66,7% admitiram estar envolvidos em maus-tratos sendo 11,7% caracterizados como bullying, ou seja, sofreram maus-tratos mais de três vezes naquele ano. (FISCHER, 2010, p. 6).

Os resultados colhidos mostraram que a região Centro Oeste em relação às outras regiões tem dados positivos.

Outra pesquisa realizada, em 2009, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), com 3.291 alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, e de 73 escolas públicas e particulares de Goiânia, revelou um dado alarmante cerca de 26% dos estudantes entrevistados alegaram ter sido vítimas de humilhações, ofensas e



provocações em ambiente escolar, constataram que de 1º de janeiro a 31 de agosto desse ano, 90 casos de agressões ocorridas em escolas foram registradas na Delegacia de Polícia de Apuração de atos Infracionais (DEPAI) em Goiânia Goiás.

O resultado da pesquisa apontou ainda que as cidades de Brasília e Belo Horizonte como as capitais brasileiras com maiores índices de bullying, com 35,6% e 35,3% respectivamente, de alunos que declararam esse tipo de violência no período de trinta dias. Diante dessas estatísticas que lança a frente à fragilidade que nossas crianças estão sendo submetidas em um ambiente que deveria os acolher e oferecer ensino de qualidade. É lamentável que um país que possui uma das mais vastas miscigenações do mundo não evidencia uma devida importância para esse mal, enfrentamos diversos problemas estruturais e o de convivência com as diferenças ainda se resalta entre eles.

Em pesquisas mais recentes realizadas no ano de 2017 pela Organização das Nações Unidas (ONU) com cerca de 100 mil crianças e jovens de 18 países mostrou que, em média, metade deles sofreu algum tipo de bullying e as razões relatadas por eles foram: aparência física, gênero, orientação sexual, etnia ou país de origem.

Os dados constam no relatório “Pondo fim à tormenta: combatendo o bullying do jardim de infância ao ciberespaço”, feito pelo representante do secretário geral da ONU para o combate à violência contra a criança e pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). A pesquisa definiu o bullying como uma experiência maléfica, porém que pode ser evitada. “O bullying é uma experiência danosa, apesar de evitável, para muitas crianças no mundo. Não importa como sejam definidas, as pesquisas internacionais recentes relatam uma taxa entre 29% e 46% de crianças alvo de bullying nos países estudados”.

No Brasil, essa taxa é de 43%, semelhante à taxa de outros países da região: Argentina (47,8%), Chile (33,2%), Uruguai (36,7%), e Colômbia (43,5%). Em países desenvolvidos, a taxa também chega entre 40% a 50%, como é o caso da Alemanha (35,7%), Noruega (40,4%) e Espanha (39,8%). Em comparação às pesquisas anteriores à Noruega ultrapassou a Espanha no índice de ocorrências de casos de bullying.

O relatório afirma ainda que há evidências que tanto as vítimas quanto aqueles que perpetuam o bullying na infância, sofrem em relação ao desenvolvimento pessoal e educacional sofrendo danos irreversíveis pro resto da vida. A pesquisa revelou que

o bullying é um fenômeno enigmático que assume variadas formas, e é conhecido de diferentes formas no mundo.

Nessa perspectiva um estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2015 e divulgado em 2016, mostrou que o número de casos de bullying escolar no Brasil está crescendo. A pesquisa Nacional de Saúde escolar afirma que em 2015, 46,6% dos 13 milhões de jovens entrevistados na faixa etária entre 13 e 17 anos de escolas públicas e privadas de todo o país revelou já ter sofrido algum tipo de bullying. Em 2012 o percentual era de 35,3%. A aparência física está entre os principais motivos para a prática do bullying.

De acordo com o MEC um em cada dez estudantes é vítima de bullying no Brasil, violência que tem se tornado grande problema para pais, educadores, governos, escolas e toda a sociedade precisa enfrentar e combater. No dia 07 de abril é comemorado o Dia Nacional de Combate ao Bullying e à Violência nas Escolas. A data foi estabelecida em 2016, por meio da Lei nº 13.277. A escolha da data está relacionada à tragédia que ocorreu em 2011, quando um jovem de 24 anos invadiu a Escola Municipal Tasso de Oliveira, no bairro do Realengo, no Rio de Janeiro, e matou 11 pessoas tirando a própria vida em seguida. O motivo do massacre segundo a nota de suicídio deixada pelo atirador é que o mesmo sofria bullying quando estudava na referida escola.

O MEC afirma ainda que a gravidade do problema se confirma por meio de estudos e pesquisas recentes como o Diagnóstico Participativo da Violência nas Escolas, realizado pela Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO) em 2015, com o apoio do Ministério da Educação, que revelou que 69,7% dos estudantes declararam ter testemunhado alguma ocorrência de violência dentro das escolas.

## **1.2 A legislação referente ao *bullying***

Intensificar a igualdade é dever de todo cidadão, todos têm direitos iguais e todos nós somos pessoas livres e donos de nossas escolhas, dessa forma somos amparados pelos direitos humanos que afirma que todas as pessoas:

[...] nascem essencialmente iguais e, portanto, com direitos iguais. Mas ao mesmo tempo em que nascem iguais todas as pessoas nascem livres. Essa liberdade nasce dentro delas, em sua inteligência e consciência [...] um ponto deve ficar claro, desde logo: a afirmação de igualdade de todos os seres

humanos não quer dizer igualdade física nem intelectual ou psicológica. Cada pessoa humana tem sua individualidade, sua personalidade, seu modo de ver e de sentir as coisas. Assim, também, os grupos sociais têm sua cultura própria, que é resultado de condições naturais e sociais. (BRASIL, 2004, p. 14).

A realidade vivenciada nas escolas em nosso país ainda não é a de uma cultura de respeito aos direitos humanos nem de proteção integral às infâncias e juventude. No entanto, no Brasil existem documentos legais que constituem o alicerce do entendimento frente ao desenvolvimento e educação da criança, dentre eles estão: a Constituição da República Federal do Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente. Desta forma, a educação e a integridade das crianças e dos adolescentes são legitimamente entendidas como facilitadora do seu pleno desenvolvimento, e que temos o dever de atender os direitos da criança, permitindo um crescimento físico e psicológico saudável para o exercício da cidadania.

Segundo a Lei nº 8.069, do Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA, observamos que é dever de todos se precaver e zelar pela dignidade da criança e do adolescente. Brasil, (1990) 'Art. 19º. É dever de todos velar pela dignidade da criança e do adolescente, pondo os a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor'.

Os casos de bullying no Brasil são julgados com base em leis dentro do Código Penal Brasileiro para punir seus praticantes, uma vez que não temos nenhuma lei em evidência que trata exclusivamente desse assunto, cabe ao juiz que julgar cada caso entender o ocorrido e aplicar medida com base nessas leis, no caso de pessoas com idade superior a dezoito anos. No caso de menor de dezoito anos é aplicado medidas sócias educacionais com base no Art. 104 do ECA (BRASIL, 2009, p. 41) que diz. "São penalmente inimputáveis os menores de dezoito anos, sujeitos às medidas previstas nesta lei".

Quando houver constatação de atos infracionais, deve-se encaminhar ao Conselho Tutelar que é o órgão responsável para tratar desses casos como evidenciado no ECA, Art. 131. Brasil (2009) "O Conselho Tutelar é órgão permanente e autônomo, não jurisdicional, encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente, definida nesta Lei."

No caso de privar a liberdade das vítimas por alguns instantes ou em determinado local (sala de aula ou banheiro), caracterizava-se, crime de cárcere privado. Art. 148 do CP, (BRASIL, 1999, p. 54), "Privar alguém de sua liberdade, mediante o sequestro ou cárcere privado: Pena- reclusão, de um a três anos". Não

permitir a passagem da vítima por determinado local ou exigir que o mesmo suporte alguma conduta (troles, prendas, etc.),

Crime de constrangimento ilegal. Art. 146 p. do CP, Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, ou depois de lhe haver reduzido, por qualquer outro meio, a capacidade de resistência, a não fazer o que a lei permite, ou a fazer o que ela não manda: Pena- detenção de três meses a um ano, ou multa. (BRASIL, 1999, p. 53).

Agredir com tapas, empurrões, cascudos, chutes, cuspes: Crime de injúria real. Art. 140, § 2º do CP, Brasil (1999, p. 51), “Se a injúria consiste em violência ou vias de fato, que, por sua natureza ou pelo meio empregado, se considerem aviltantes: Pena - detenção, de três meses a um ano, e multa, além da pena correspondente à violência.”.

As consequências do fenômeno bullying no decorrer de tempo foram se agravando de tal forma que, no ano de 2011 o município de Goiânia por meio da câmara municipal aprova uma lei estabelecendo que tanto as escolas públicas quanto as escolas conveniadas deverão incluir em seus Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) medidas de conscientização, prevenção e combate ao bullying escolar. Lei Nº 9073, de 19 de setembro de 2011.

Durante muito tempo, as vítimas de bullying não tinham um amparo legal próprio contra seus agressores. No entanto, a lei que entrou em vigor em fevereiro de 2016 veio para ampliar o combate a esse fenômeno. A lei 13.185 estabelece o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (BULLYING) em todo o território Brasileiro. Tal ação do governo busca condenar qualquer ato de violência física ou psicológica que possa causar dor e angústia à vítima.

Após anos de busca por uma lei adequada ao combate do bullying, no ano de 2016 a referida lei entra em vigor de página única, que prevê em seu texto a instituição de um programa de combate à Intimidação Sistemática (bullying). Considerado um marco jurídico de combate ao bullying e a primeira lei nacional que tem como objetivo prevenir e combater a prática da intimidação sistemática no País.

A Lei 13.185/2015 está estruturada em seis Artigos, define e apresenta as características do bullying e ainda delineou os objetivos do instituto, bem com identificou a quem deve respeitar. Configura o bullying, em seu Art. 1. § 1º

[...] intimidação sistemática (bullying) todo ato de violência física ou psicológica intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo

de intimidá-la ou agredi-la, causando dor angústia à vítima, em uma relação de poder entre as partes envolvidas. (BRASIL, 2015).

O que se destaca é a nova forma de se referir ao bullying, quanto ao que se configuram os atos já é rotineiro encontrarmos destacados em diversos estudos do gênero, o texto ainda prevê o combate a essa prática, a capacitação dos docentes e equipes pedagógicas, promover a cidadania, evitar tanto quanto possível a punição dos autores, promover a conscientização dos pais e sociedade, produzir e publicar relatórios bimestrais das ocorrências nos Estados e Municípios brasileiros para o planejamento de ações, como consta no Art. 1º da Lei n. 13.185, “Fica instituído o programa de combate à Intimidação Sistemática (Bullying) em todo território brasileiro.” (BRASIL, 2015).

Art. 2º da Lei 13.185/2015 que se caracteriza a intimidação sistemática (bullying) quando,

[...] há violência física ou psicológica em atos de intimidação, humilhação ou discriminação e, ainda: I- Ataques físicos; II- Insultos pessoais; III- Comentários sistemáticos e apelidos pejorativos; IV- Ameaças por quaisquer meios; V- Grafites depreciativos; VI- Expressões preconceituosas; VII- Isolamento social consciente e premeditado; VIII- Pilherias. (BRASIL, 2015).

Essas características já são bem conhecidas e apontadas nos artigos, livros e demais materiais cujo foco seja o bullying ou violência escolar, porém o embasamento da referida Lei coloca fim a possíveis dúvidas que possam surgir no processo de identificar e classificar, as ações que se denomina a Intimidação Sistemática (bullying).

Art. 3º da Lei n. 13.185, Brasil (2015), a intimidação sistemática (bullying) pode ser classificada:

[...] conforme ações praticadas, como: I- Verbal: insultar, xingar e apelidar pejorativamente; II- Moral: difamar, caluniar, disseminar rumores; III- Sexual: assediar, induzir e/ou abusar; IV- Social: ignorar, isolar e excluir; V- Psicológica: perseguir, amedrontar, aterrorizar, intimidar, dominar, manipular, chantagear e infernizar; VI- Físico: socar, chutar, bater; VII- Material: furtar, roubar, destruir pertences de outrem; VIII- Virtual: depreciar, enviar mensagens intrusivas da intimidade, enviar ou adulterar fotos e dados pessoais que resultem em sofrimento ou com o intuito de criar meios de constrangimento psicológico e social. (BRASIL, 2015).

Esse artigo tem o mesmo sentido de esclarecer e classificar as formas da Intimidação Sistemática (bullying), para que os cidadãos o compreendam, a lei traz conhecimento do que é e o que pode provocar o bullying. Neste caso, sabemos que

atitudes provocam o bullying e que há formas de combatê-lo. No caso, a lei traz um conforto às pessoas que passam por essas situações.

A Lei 13.185/2015 inclui sua aplicação à instituição para com relação ao cyberbullying. “Quando se usarem os instrumentos que lhe são próprios para depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial.” (BRASIL, 2015, p. 1). Faz-se necessário abarcar aos campos virtuais, pois com o avanço das tecnologias o cyberbullying vem crescendo de uma maneira assustadora e sem controle pela facilidade de causar dor e constrangimento à distância, o que lhes causa uma ideia da impunidade. A aprovação dessa lei é muito importante, é evidente que desde os primeiros estudos já houve uma evolução quanto aos mecanismos de intervenção, mesmo que seja a passos lentos.

A lei mencionada tem um caráter institucional, a qual em momento algum faz menção à penalidade a ser imposta contra pessoas que desrespeitem e continuem a praticar o bullying, pois tem o intuito de reeducação de todo um contexto social, com o maior objetivo de evitar preconceitos, determinadas fobias, para termos principalmente, uma sociedade digna e com adultos saudáveis. Ao contrário de punir, a lei aconselha que sejam privilegiados campanhas e mecanismos que favoreçam a mudança desse tipo de comportamento. No que tange a fiscalização, essa fica a responsabilidade dos Estados e municípios.

A lei sancionada pela então presidente Dilma Rousseff no dia 09 de novembro de 2015 e em vigor a partir de fevereiro de 2016 lei nº 13.185, já era adotada no município de Goiânia desde o ano de 2011. A Lei municipal nº 9.073 entrou em vigor desde o dia 19 de setembro do referido ano, obrigando as escolas e clubes a adotarem medidas de prevenção e combate ao bullying ou a intimidação sistemática.

O documento de 2011 do município de Goiânia já designa determinações da lei federal, como a ampliação de campanhas educativas, palestras, debates. Outro ponto importante e mencionado na lei é a capacitação das equipes pedagógicas e professores para efetivação de ações nas instituições educativas, orientações às vítimas e o envolvimento da família.

Tanto a lei municipal quanto a lei federal têm o objetivo de conscientizar da seriedade que é o bullying e quais consequências sua prática pode trazer para as vítimas, responsabilizando toda a sociedade pela identificação e extinção dessa prática abusiva.

Os textos colocam ainda que corpo docente e equipe pedagógica sejam capacitados para discutir, orientar e desenvolver ações que previna e solucione o problema. Tais ações devem ser integradas ao currículo, ao Projeto Político Pedagógico e à estrutura organizacional de todas as escolas. Desta forma os profissionais das instituições educativas têm o permanente desafio de agregar em suas práticas pedagógicas uma forma de ensino que promova uma cultura de paz, de tolerância e de respeito ao próximo.

É notável que a sociedade como também a instituição escolar vive um momento turbulento, na qual cotidianamente sofremos com atos de violência, evasão e falta de interesse por parte dos estudantes que se sentem desmotivados, dentro da comunidade escolar se destaca a importância de uma urgente intervenção no sentido de desconstruir as disfunções não afetivas, a fim de valorizar o privilégio do convívio em um ambiente seguro, dispondo de trocas saudáveis, de afeto e conhecimento.

Sabemos que mudar o pensamento de toda uma sociedade é um desafio a ser vencido e uma batalha cotidiana, barreiras invisíveis dificultam a ultrapassagem do pensar e agir racional em busca da complexidade, e a forma fragmentada que lidamos com esse problema social atrapalha uma interação abrangente entre diversos campos do conhecimento.

## **CAPÍTULO 2**

### **A UNIVERSALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA E O *BULLYING***

#### **2.1 O contexto escolar e o fenômeno do *bullying***

O *bullying* na escola é caracterizado como a prática de atos agressivos contínuos em que há a intenção do autor em ferir física ou moralmente a vítima. Bullying são atos repetidos contra alvos constantes seguindo um padrão e contam com um público que prestigia as agressões. Mas, é possível prevenir o bullying dentro da instituição educacional?

O Brasil desde 1988 com a aprovação da Constituição Federal a educação básica tornou-se um direito público e gratuito, no entanto, ainda existem causas que provocam o abandono de jovens e crianças da escola além do bullying. Nessa perspectiva, em um país de grande extensão como o Brasil, já se espera que existem vários motivos que causam o abandono escolar, abordaremos alguns, mas nesse trabalho monográfico iremos destacar o bullying.

##### **1 Acesso limitado**

A escola ainda sofre pelo acesso limitado ao seu espaço educativo, principalmente por alunos que moram na zona rural ou em áreas urbanas isoladas. Meninos e meninas em todo o país enfrentam a falta de escolas e/ou de vagas próximo de casa, problemas com transporte escolar ou outros fatos que impedem o acesso e/ou a permanência na escola.

##### **2 Necessidade especial**

De acordo com as pesquisas 5% dos jovens abandonam a escola por falta de acessibilidade tanto arquitetônica quanto pedagógica, as escolas brasileiras em sua maioria não estão preparadas para atender os alunos com necessidades especiais, com defasagens na aprendizagem e falta de apoio pedagógico adequado, esses estudantes enfrentam dificuldades de acesso, reprovações sucessivas e acabam desistindo de estudar.



### 3 Gravidez e maternidade

A gravidez na adolescência continua retirando da escola um número elevado de jovens. A maternidade na adolescência pode causar constrangimento sociais e também acaba por limitar o tempo disponível para os estudos. Uma pesquisa realizada no ano de 2016 pelo MEC revelou que 18% das jovens que deixaram de estudar apontaram a gravidez como principal motivo. Um dos motivos que impedem as mães adolescentes de frequentarem a escola é não ter com quem deixar seus filhos, isso porque não há vagas em creches públicas.

### 4 Atividades ilegais

Um dos problemas enfrentado em boa parte das escolas brasileiras é o uso de drogas o envolvimento de alunos em atividades ilegais, que faz com que percam o interesse pelos estudos e acabam abandonando a escola.

### 5 Mercado de trabalho

O Brasil ainda é um país em desenvolvimento, por isso ainda existem jovens que abandonam a escola por questões ligadas a vulnerabilidade social de suas famílias, um dos fatores que afasta esses jovens da escola é o envolvimento precoce com o mundo do trabalho, uma vez que esses jovens necessitam trabalhar para ajudar a garantir seu sustento e de sua família.

### 6 Pobreza

Um dos problemas sociais enfrentados por muitas famílias no nosso país é a situação de extrema pobreza, muitas vezes os jovens e crianças não tem condições mínimas de alimentação, vestuário ou higiene para poder frequentar a escola com o mínimo de dignidade ou não tem estrutura física em casa para que possa realizar suas atividades escolares.

### 7 Violência

Um dos motivos que continua a afastar os jovens da sala de aula é a violência, tanto a doméstica quanto aquela praticada dentro da escola, na comunidade ou nas proximidades escolar.

## 8 Déficit de aprendizagem

A deficiência no aprendizado acumulado no decorrer da vida escolar acaba prejudicando a progressão do aluno levando-o a reprovações cumulativas e causando impacto psicológico nesses jovens, que acabam se sentindo incapazes, desmotivando-os a continuarem os estudos. Esse déficit tende a ser maior na adolescência do que na infância, geralmente na transição do ensino fundamental para o médio.

## 9 Significado

Para muitos jovens falta conexão entre sua realidade e a escola. Jovens que consideram a escola inadequada à sua realidade e visão de futuro, eles não veem escola com significado para sua vida, consideram ir à escola uma perda de tempo e acabam se dedicando a outras coisas.

## 10 Flexibilidade

Outro fator que leva os jovens a abandonar os estudos é a falta de flexibilidade e sensibilidade as suas necessidades. Esses fatores levam os jovens a se desinteressarem pelos estudos os levando a optarem por outras atividades prejudicando então os estudos.

## 11 Qualidade na educação

Tão importante quanto garantir o acesso e a permanência na escola, é oferecer um ensino de qualidade, os alunos precisam que os conteúdos estudados sejam relevantes para sua vida, se não há um ensino de qualidade e que não faça relação com a realidade dos alunos eles não veem nenhum sentido continuar indo para a escola investir seu tempo em educação.

## 12 Clima escolar

A escola é o lugar no qual os alunos devem se sentir seguros, bem e pertencentes a ela. Ninguém fica em um lugar que não se sinta bem de forma voluntária. Na escola é preciso que o jovem se sinta seguro, acolhido e respeitado. Dessa forma, quando ele percebe que as atividades propostas foram planejadas pensando nele, o jovem compreende que a escola é dele e as chances de abandono e evasão diminuem consideravelmente.

### 13 Percepção da importância

Além de ensinar temas pertinentes, a escola precisa motivar os jovens e chamar sua atenção para a importância e utilidade desses temas na sua vida, fazer com que os jovens compreendam o valor que tem a educação, visto que muitas vezes eles não têm as informações necessárias para compreender o quanto estar na escola é essencial.

### 14 Baixa resiliência emocional

A escola precisa promover espaços para que possam ser discutidas questões relacionadas as emoções e a saúde mental dos jovens. O que implica falar sobre dificuldades de aprendizagens, estresse, raiva, relações com colegas, professores e família. O baixo desempenho escolar, desentendimento com os professores e colegas, problemas pessoais ou com a família e amigos e até a depressão podem desencadear a falta de interesse pela escola.

Portanto a evasão e o abandono escolar são multicausais, e acontecem por variados fatores, muitos ultrapassam o muro da escola inclusive o bullying. Uma multiplicidade de obstáculos impede que todas as crianças, adolescentes e jovens estejam dentro da sala de aula. Depois de matriculados os estudantes enfrentam desafios para ter o direito de permanecer na escola assegurado, avançar nos estudos e concluir a educação básica.

O bullying é considerado um problema global. Uma vez que, as ocorrências de bullying podem ser percebidas tanto em países desenvolvidos como em países em desenvolvimento como no Brasil. Desta forma, dentre os muitos motivos os quais o bullying precisa ser combatido está a evasão escolar. Nessa perspectiva se nada for feito para ajudar a vítima de bullying ela pode acabar abandonando a escola e conseqüentemente os estudos. Dessa forma, diante de casos de bullying há a necessidade de um olhar sensível para que o ato seja identificado, as manifestações sejam inibidas e não seja banalizada na escola e na sociedade.

Sendo assim, a escola surge como uma instituição fundamental para a constituição do sujeito em sua formação cidadã, em prol de desenvolver sua função crítica para que o sujeito compreenda a cidadania como uma função social e política. Portanto, a educação é um direito fundamental de todos, perpassa o desenvolvimento por meio do ensino e da aprendizagem.

Nesse sentido, A LDB Lei nº 9.394/96 diz que a escola tem a função social de formar o cidadão, e, dessa forma, garantir as finalidades registradas no artigo 22: “A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhes meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores”.

Nessa perspectiva, o bullying é um fenômeno que atinge boa parte da sociedade, e está inserido em vários contextos históricos, sociais e culturais. Os comportamentos advindos desse fenômeno influenciam direta ou indiretamente o processo ensino-aprendizagem, no entanto, agressões já eram identificadas nas escolas dos séculos passados, sendo visto como um comportamento natural inerente ao ser humano.

Ainda no período da colonização já se tinha indícios de manifestações e de agressões contra os povos que aqui viviam e que sofreram sob as mãos dos colonizadores. Essas agressões acabaram afetando a vida social e principalmente cultural desses indivíduos. A colonização em terras brasileiras iniciou-se sobre um viés etnocêntrico.

O etnocentrismo é uma tendência a inferiorizar culturas e crenças alheias aumentando o valor da sua, sendo uma das manifestações mais antigas de bullying, expondo uma visão de hierarquização de culturas, que inferiorizava os povos nativos do Brasil e prevalece até hoje. A ética posta em questão se refere ao fato de o homem excluir aquilo que ele considera fora dos padrões, à busca por essa ética trás conceitos e temas como a importância da singularidade do ser humano, das diferentes formas de ser e estar.

Observa-se ao longo do tempo, acontecimentos que modificaram a forma de enxergar esses valores éticos e morais dentro da sociedade, com o avanço da tecnologia e o crescimento industrial, o cidadão se tornou dono de si, podendo ter liberdade e direito sobre o produto que produzia, com a chegada das máquinas obteve-se uma decadência na qual o trabalhador se submetia a circunstâncias desagradáveis para obter capital.

Sendo assim, Fante e Pedra apud Bezerra e Porto (2010) contextualizam sua pesquisa sobre o bullying no ambiente de trabalho, apontando os constrangimentos e intimidações sofridas pelos profissionais dentro das instituições, os autores destacam o assédio sofrido como algo humilhante e por vezes desumano existentes desde a antiguidade.

O assédio moral fez muitas vítimas no início da industrialização se tornando um dos maiores terrores psicológicos da época, sendo um dos desencadeadores de sofrimentos psíquicos dessas vítimas. Estudos afirmam que esse tipo de violência é a mais devastadora já encontrada no ambiente de trabalho, a ganância por um cargo maior faz funcionários tomarem medidas desconfortantes alterando na sua vida familiar, social e cultural.

Bezerra e Porto (2010) se utilizam das ideias de Mozz e Zawadski, que defendem que entre as categorias profissionais que mais sofrem esse tipo de violência estão os profissionais da educação, o ambiente de trabalho pode apresentar diversas formas de bullying como sabotagem, fofocas, ameaças, exclusão. Além do que já foi proferido, esse trabalhador pode estar inserido no contexto de aprendizagem, onde os atos citados podem torna-lo agressores ou vítimas do bullying no ambiente escolar.

Porém há ocasiões e situações que facilitam e propicia o ambiente escolar de ter manifestações de bullying, algumas delas destacadas por Bezerra e Porto (2010) sugerem a supervisão inadequada, alta rotatividade no horário dos professores, humilhação de funcionários diante dos alunos. O problema pode aparecer não somente para os alunos, o próprio professor pode estar nessa situação de bullying o que já terrivelmente constrangedor se torna um caos numa escola na qual tanto os profissionais da instituição quanto os alunos estão sujeitos a sofrer tais barbaridades. Assim é importante que se constitua um corpo docente estruturado capaz de determinar e sucumbir de vez o bullying.

Nessa perspectiva, prevenir o bullying na instituição educacional se tornou um desafio para toda a comunidade escolar. Portanto, a escola deve refletir acerca do seu papel de formação cidadã e não fechar os olhos para esse fenômeno, que não é muito divulgado pelas mídias nem estudado pelos profissionais no Brasil.

No espaço escolar são diversas as situações que parecem não serem graves e vistas pelos profissionais como simples, mas que podem ocultar entre seus alunos a presença de bullying e ir aos poucos se agravando. Surge nas relações interpessoais, em que os mais fortes transformam os mais fracos em objetos de diversão e prazer, por meio de “brincadeiras” que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar.

Portanto, nem toda agressão pode ser chamada de bullying. Primeiro, o bullying geralmente ocorre entre pares. Além disso, brigas e discussões pontuais não são suficientes para caracterizar bullying, e por conseguinte o bullying não pode ser

confundido com brincadeiras, são atitudes nas quais se identificam: A intencionalidade que causa danos; as repetições das agressões contra o mesmo sujeito num determinado período de tempo; ausência de motivos que justifiquem as agressões; a assimetria de poder entre as partes envolvidas e os danos causados.

Nessa lógica, de acordo com as pesquisas a presença de um público espectador é um dos dados mais importantes para se caracterizar o bullying. As reações das pessoas que assistem as agressões são mistas: muitas riem das agressões e as consideram inofensivas, outras tomam as dores das vítimas. Mas a grande maioria não confronta o agressor até mesmo por medo de se tornar a próxima vítima fato muito comum nas escolas.

Para Fante (2005) a maioria dos espectadores repudiam as ações dos agressores, mas não interveem diante a situação, vê totalmente paralisados perante a violência. Costantini e Lopes Neto (2005) constam que há espectadores que estimulam a agressão e os denomina como testemunhas incentivadoras, quanto os espectadores que tentam ajudar a vítima, são as testemunhas defensoras. Dessa maneira os autores classificam as testemunhas que se aproximam para ver a agressão como observadora. Para prevenir e combater o bullying na escola as vítimas, os agressores e expectadores devem ser orientados de modo que seja evitada a propagação da violência.

Logo, calar-se diante dos desafios significa possibilitar a expansão do problema resultando no cultivo do medo, da violência e do pânico. Na contemporaneidade a violência tem alcançado proporções exorbitantes deixando os profissionais imóveis sem saber como agir diante dessas situações devido à natureza velada das agressões e questões de formação e domínio teórico sobre o fenômeno.

Os educadores tem enfrentados esses desafios com frequência nas instituições educativas e em muitas situações esses profissionais acabam temendo sua pratica podendo se tornar vítimas desse fenômeno. A comunidade escolar precisa antecipar-se ao bullying envolvendo a participação da família, sociedade e autoridades no desenvolvimento de ações de prevenção e minimização do bullying desde a educação infantil. Desta forma, intensificar as ações preventivas dentro da escola possibilita que vítimas e agressores possam esclarecer os atos violentos e dependendo da gravidade medidas legais podem ser tomadas.

Assim, é evidente que a consciência da violência nas escolas não ser um problema de fácil resolução, da ideia de que a situação histórica é de fato bem

complexa. Um fato preocupante é que a violência é vista nos dias de hoje pela sociedade como algo natural e aceitável, uma esfera de conformismo. Quanto ao bullying é preciso que a comunidade escolar o supere, pois quando ela não o identifica, fica sempre a visão de que ele começa e termina na escola, portanto sua prevenção emana de esforços da sociedade como um todo, escola, alunos, professores e pais. A parceria entre família e escola é fundamental para a possível eliminação de comportamentos agressivos.

No plano do senso comum os indivíduos possuem pensamentos distintos acerca da violência, ainda que coincidam com o que a sociedade normatiza como violência. Ela está ligada a história da humanidade intimamente, que vai desde guerras, exclusões sociais do sistema até à escola e suas necessidades não são somente consideradas como um tipo de violência, mas também como infração de direitos básicos, instruída como percussora de outras violências. No mundo há notícias diariamente intensificando homicídios e uso de armas em estabelecimentos de ensino, dando abertura para percepção de que a unidade escolar deixará de ser um território protegido.

Abramovay se utiliza de Flannery e destaca uma mudança em relação à prevalência do tipo de violência no ambiente escolar, o ato de violência contra os indivíduos estaria gradativamente substituindo atos de vandalismo e delitos contra a propriedade escolar. Antes o que se via era atos de vandalismo contra o patrimônio como, depredações e pichações, no entanto, o que se vê na atualidade vai para além dos atos de vandalismo, partindo para a prática de violência contra os próprios indivíduos.

Desta forma, dentro do contexto escolar os sujeitos aprendem a se relacionar, adquirem valores e crenças, desenvolvem senso crítico, autoestima e segurança. Por isso, é necessário que a escola favoreça e possibilite a formação para a cidadania, a compreensão dos deveres, dos direitos e pratique a cultura do respeito às diferenças.

## **2.2 *Bullying*: Causas e consequências para as crianças**

As brincadeiras fazem parte das relações; aproximam, integram, contribuem com a inclusão entre as crianças, são as brincadeiras que tornam o ambiente escolar mais divertido e descontraído, que estimulam a frequência, a permanência, o desempenho, aprendizagem, uma boa relação com a escola. Entretanto, quando as brincadeiras perdem sua essência da diversão, da espontaneidade e do prazer podem ser convertidas em violência. É nesse ponto que está o sinal de alerta.

Existe uma grande diferença entre brincadeira e violência. Na brincadeira existe um equilíbrio entre as partes e todos se divertem, participam. Mas, quando há desequilíbrio onde apenas uma parte se diverte e a outra é humilhada, constrangida e intimidada, aí a brincadeira acabou e começa a violência. A violência é cruel, faz sofrer, machuca e ao longo dos tempos foi se instalando sorrateiramente em nosso cotidiano. Dentre as formas de violência que ocorrem entre estudantes, há uma que desperta a atenção e o interesse de pesquisadores de todo o mundo, o bullying.

Retomando o Bullying pode ser caracterizado por práticas e atos violentos, intencionais e repetidos, contra uma pessoa podendo causar danos físicos e psicológicos as vítimas. Portanto a prática não pode ser considerada banal. As agressões podem ter implicações graves às vítimas.

Constantini (2004) explica que o bullying não é um conflito normal ou briga que ocorrem entre estudantes, mas sim atos de intimidação, ameaças, violência física ou psicológica, caracterizado com a imposição do agressor sobre indivíduos mais vulneráveis e incapazes de se defenderem, levando a uma condição de subordinação, sofrimento psicológico, isolamento e marginalização em alguns casos. O bullying escolar em todos os aspectos é um fenômeno devastador, afetando a autoestima e a saúde mental do adolescente ou criança vitimada, podendo desencadear problemas como anorexia, bulimia, ansiedade, pânico, distúrbios psicossomáticos, depressão, e até suicídio.

Fante (2005) expõe como o agressor se sente ao praticar o bullying, para ele isso é simplesmente divertido, pelo fato de sentir-se bem ao ver os colegas rirem, vingar-se de agressões sofridas em outro local ou até mesmo pela educação familiar ser um incentivo à violência e ao sadismo. Quando a vítima aceita de forma pacífica o abuso torna-se então alvo de chacota para outros alunos, sendo consideradas gratuitas por que a vítima, geralmente, não cometeu nenhum ato que motivasse ou justificasse as agressões.



Em relação ao gênero, os meninos são os maiores praticantes de bullying, utilizando a agressão direta, física e verbal, enquanto as meninas utilizam a agressão indireta - ofensas morais e exclusões sociais. Ainda de acordo com as pesquisas no que tange o perfil das vítimas 12% são meninos e 7% são meninas. Portanto os meninos são mais vitimados.

Nessa perspectiva, o bullying é considerado uma violência e uma violação aos Direitos Humanos. Os Direitos Humanos “são frutos da luta pelo reconhecimento, realização e universalização da dignidade humana”. Estes direitos foram construídos histórica e socialmente por meio de um processo que vive em constante elaboração, estendendo seu reconhecimento de direitos frente às mudanças ocorridas nos múltiplos contextos sociais, históricos e políticos.

Os danos causados pelo bullying são universais. Desta forma, é necessário que a sociedade, a escola e professores e a família compreendam a importância de combatê-lo, para que esse tipo de violência não cause danos físicos, psicológicos e nem firam a dignidade dos sujeitos. É importante lembrar que os Direitos Humanos buscam promover o reconhecimento da dignidade da pessoa humana. Partindo desse pressuposto, um dos princípios que fundamentam a Educação em Direitos Humanos e que tem a finalidade de promover a educação para a mudança e a transformação social é o seguinte:

- Dignidade humana: Relacionada a uma concepção de existência humana fundada em direitos. A ideia de dignidade humana assume diferentes conotações em contextos históricos, sociais, políticos e culturais diversos. É, portanto, um princípio em que se devem levar em consideração os diálogos interculturais na efetiva promoção de direitos que garantam às pessoas e grupos viverem de acordo com os seus pressupostos de dignidade. (BRASIL, 2012).

Uma das dimensões essenciais para a evolução do ser humano é a educação. É por meio dela que há possibilidade de o sujeito ter acesso aos conhecimentos, crenças, hábitos, valores que um determinado grupo social desenvolveu a partir de suas vivências e experiências. Nessa perspectiva de acordo com o Art. 1º da Resolução 3/16 de 2018:

A educação é um processo de construção e de aquisição de conhecimentos, de habilidades, de atitudes e de valores que a pessoa humana vai construindo, intencionalmente, durante toda a existência e que norteia seu comportamento pessoal, político, ético, estético e social na busca dos mais elevados valores da humanidade. (GOIÁS, 2018).

Desta forma, é necessário identificar como esse fenômeno denominado bullying acontece no contexto contemporâneo. Vivemos em uma sociedade capitalista na qual os sujeitos são explorados e prejudicados frente as suas condições de sobrevivência. Diante deste cenário onde os interesses deixaram de ser voltados para a coletividade e se voltaram para os ideais individuais, nos quais os lucros obtidos são por meio da exploração da vida humana.

De acordo com Ciavatta e Frigotto (2003), estamos vivendo o incentivo à individualidade e à competitividade, o abandono do pensamento crítico e de uma visão global, apesar dos discursos do mercado ser a favor do global e do crítico. Assim, invertem-se os valores, de modo que as instituições escolares já não se voltam prioritariamente ao processo humanizado e transformador que a educação deve oferecer, ao contrário, estamos vivenciando a constituição de novos ambientes escolares, que não pronunciam mais as palavras “humanização” e “vida”.

Dentro desse contexto, o bullying escolar tem se manifestado de diversas maneiras se inserindo na rotina das instituições educacionais e assumindo dimensões preocupantes. É como se a escola perdesse suas características e papel indispensável de formação cidadã. Podendo ser praticado de forma direta ou indireta como é o caso do bullying digital ou cyberbullying, acaba dificultando ainda mais sua identificação e intervenção.

O cyberbullying é a violência praticada contra alguém, por meio da internet ou de outras tecnologias relacionadas ao mundo virtual. Sendo a ação com o objetivo de agredir, perseguir, ridicularizar e/ou assediar. Com a nova era digital e a globalização, a interação social ultrapassou fronteiras, facilitando assim, a propagação da violência virtual e exigindo um olhar atento.

Desta forma, o bullying se tornou um assunto preocupante, sendo considerada uma forma de violência que pode chegar a afetar a condição emocional e social do sujeito de tal forma, que o faça escolher soluções trágicas como até o suicídio nos casos mais extremos. Porém, o bullying causa impacto também naqueles que o praticam podendo fazer com que esses indivíduos se tornem antissociais e violentos.

[...] O agressor, de ambos os sexos, costuma ser um indivíduo que manifesta pouca empatia. Frequentemente é membro de família desestruturada, em que há pouco ou nenhum relacionamento afetivo. Os pais ou responsáveis exercem supervisão deficitária e oferecem comportamentos agressivos ou violentos como modelo para solucionar os conflitos. (FANTE; PEDRA, 2005, p. 71).

Nesse contexto quando uma criança apresenta o comportamento agressivo à primeira questão que se apresenta é como um ser que deveria ter toda uma “inocência” pode ter esse tipo de atitude com outros sujeitos? Mas a resposta pode estar mais evidente do que se pensa, pois quando a criança durante suas primeiras descobertas entre dois e três anos não tem limites frequentes, passam a não aceitar que suas vontades não sejam realizadas quando as quer, ou quando vivenciam com frequência violências no ambiente familiar, às crianças tendem a imitar esses comportamentos e desenvolvem uma pré-disposição a serem violentas quando se deparam com situações das quais não estão acostumadas a ceder. Essas atitudes devem ser evitadas na presença das crianças, e coibidas pelos adultos.

Caso isso não aconteça, esse tipo de comportamento passa a fazer parte do seu repertório comportamental. Uma vez adotado esse comportamento, muitas crianças passam a desempenhá-lo em suas relações sociais, através de atitudes intimidatórias, abusivas e agressivas, como forma de manipular e conseguir seus intentos. (FANTE; PEDRA, 2008, p. 99).

Sem a necessária intervenção e cuidados dos adultos, essas condutas passam a ser corriqueiras no pensamento infantil. Na maioria das vezes as crianças que tem comportamentos violentos tendem a pôr a culpa das suas agressões nas vítimas. Infelizmente as crianças absorvem o preconceito ao diferente nos ambientes que deveriam oferecer valores morais, éticos e afeto mútuo aos demais.

Desde o surgimento das primeiras pesquisas desenvolvidas por diversos profissionais que lidam com a relação humana, investigam-se as causas que provocam as atitudes de bullying, e a maioria apontam para os seguintes aspectos:

[...] Carência afetiva, ausência de limites, afirmação dos pais sobre os filhos através de maus-tratos e explosões emocionais violentas, excessiva permissividade, exposição prolongada às inúmeras cenas de violência exibida pelas mídias e pelos *games*, facilidade de acesso às ferramentas oferecidas pelos modernos meios de comunicação e informação. Além desses, existe a alta competitividade, que acaba gerando o individualismo e a dificuldade de empatia, a crise ou ausência de modelos educativos baseados em valores humanos, capazes de alicerçar a vida do indivíduo. (FANTE; PEDRA, 2008, p. 100).

Prosseguindo as causas que levam a prática de bullying, podem diferir-se em particularidades étnicas, implicações pelo aluno tirar notas boas, fragilidade ou pequenez, uso de aparelho ou óculos, possuir atitudes afeminadas no caso dos garotos ou masculinidade no caso das garotas, no geral tudo que foge daquilo que é considerado padrão como porte físico, atitudes e valores levam o indivíduo se tornar

vítima do bullying. Com tudo isso muitas vítimas passam a mudar seu desempenho escolar tornando-o baixo, pode também apresentar queda no rendimento, déficit na concentração, além de prejuízos no processo de aprendizagem, o aluno se recusa a ir para a escola podendo até em casos extremos a troca de colégio frequente ou o abandono dos estudos.

Nesse sentido o bullying pode causar diferentes consequências para os envolvidos, portanto isso inclui os espectadores, ou seja, aqueles que testemunham os fatos. Começaremos pelos danos causados a saúde das vítimas que são as mais prejudicadas que podem desencadear inúmeras reações emocionais e físicas. Sobre algumas consequências causadas pela exposição:

O estresse é uma das consequências causadas pela exposição ao *bullying*, Vale lembrar que o estresse é responsável por cerca de 80% das doenças da atualidade, pelo rebaixamento da resistência imunológica e sintomas psicossomático, diversificados e principalmente próximos ao horário de ir à escola (especialmente no caso das crianças menores), como dores de cabeça, tonturas, náuseas, ânsia de vômito, dor no estômago, diarreia, enurese, sudorese, febre, taquicardia, tensão, dores musculares, excesso de sono ou insônia, pesadelos, perda ou aumento de apetite, dores generalizadas, entre outras. Podem surgir doenças de causas psicossomáticas, como gastrite, úlcera, colite, bulimia, anorexia, herpes, rinite, alergias, problemas respiratórios, obesidade e comprometimento de órgão e sistemas. (FANTE; PEDRA, 2008, p. 83).

Em meio aos danos que o bullying causa, as que são mais preocupantes devido aos danos causados são as que comprometem a saúde mental das vítimas, danificando o desenvolvimento cognitivo e emocional, a intensidade vai depender do quanto esse sujeito foi exposto, alguns conseguem se livrar dos problemas no decorrer do tempo com ajuda de profissionais. Dependendo da pré-disposição psicológica de cada um o bullying pode mobilizar:

Ansiedade, tensão, medo, raiva, irritabilidade, dificuldade de concentração, déficit de atenção, angustia, tristeza, desgosto, apatia, cansaço, insegurança, retraimento, sensação de impotência e rejeição, sentimentos de abandono e de inferioridade, mágoa, oscilações do humor, desejo de vingança e pensamentos suicidas, depressão, fobias e hiperatividade, entre outros. (FANTE; PEDRA, 2008, p. 84).

Quando as vítimas são submetidas a agressões violentas por um período longo pode desencadear danos cognitivos e uma deficiência em sua sanidade mental, levando a vítima a se tornar um agressor, que quando atinge seu grau extremo provocam casos de horror, indo até a escola, matando o maior número de pessoas

que consegue e depois tirando a própria vida. Fatos como esses foram notícias em várias partes do mundo, inclusive no Brasil.

Essas notícias dão uma dimensão da gravidade do assunto e da importância de entender e combater essa prática. Quando se fala em bullying na atualidade percebemos que esse mal acompanhou a evolução social, pois estamos em uma era tecnológica e através desse meio virtual pode-se propagar com maior rapidez e consequência, o bullying virtual ou cyberbullying tem efeitos desastrosos fugindo até mesmo do controle dos autores.

Ainda dentro do contexto de violência, há um tipo diferente denominado violência escolar. Neste os alunos praticam ameaças, gestos humilhantes e até mesmo perseguição contra o professor, que geram uma espécie de estresse além de reações psicossomáticas ligadas ao medo de o professor se deparar com o seu agressor. Ainda assim, há o contrário onde quem pratica a violência é o professor contra o aluno, que pode sofrer intimidação, humilhação e ser coagido provocando graves alterações psicológicas, afinal como ambiente de aprendizagem e educando, escola e professor deveria ser o apoio para o aluno.

Em 2011 fora relatado o Bullying homofóbico que gerou especulação mundial, onde um jovem de quatorze anos se suicidou após sofrer vários ataques no ambiente escolar. O jovem buscou aliviar sua dor publicando vídeos na internet, mas ao contrário do que ele imaginava só encontrou mais críticas. Dentro do ambiente universitário não é diferente, o bullying se disfarça de trotes universitários, onde o que era pra ser um rito de passagem se torna algo constrangedor seguido de atos violentos. Além disso, o trote universitário pode dar lugar a atrocidades ainda mais severas como estupro, abuso de drogas e bebidas e por fim, à morte.

Desta forma, as agressões de bullying transformam de forma significativa a vida das vítimas, estas apresentam retração e comportamentos antissociais nos primeiros anos escolares podendo prosseguir até a idade adulta, já os autores do bullying o pratica por diversos motivos, um deles é a ausência de um modelo educativo ou até mesmo agressões no ambiente familiar, entre outras causas.

Portanto, fica sugerido a interligação do bullying com o processo de desenvolvimento violento na criança e no jovem podendo induzir, além disto, a utilização da violência causando estresse às pessoas vitimadas. Com isto, é evidente que o papel da escola, do professor, da família e da sociedade em geral é promover de forma resolutiva o fim das agressões no ambiente escolar.

Em alguns casos o bullying é associado a massacres que aconteceram em escolas tanto públicas quanto privadas, como as tragédias que ocorreram em Taiuva (SP, 2003), Remanso (BA, 2004), Realengo (RJ, 2010), Goiânia (2017) e Suzano (SP, 2019). Durante muitos anos os protagonistas de tragédias como essas foram alvos de deboches, humilhações e perseguições sem motivo algum, apenas por serem considerados diferentes dos demais. Ao longo do tempo acumularam ressentimentos de vingança e os problemas foram acumulando.

Um componente isolado não pode ser capaz de produzir tanto efeito, mas fatores familiares, emocionais, econômicos, sociais associado ao bullying são. É fato que nem todas as vítimas de bullying chegarão ao extremo de matar. Há os que sofrem, os que enfrentam e os que superam, mas a grande maioria sofre pro resto da vida. Cada dia que se passa a sociedade enfrenta o crescente aumento da violência que gera consequências pessoais e interpessoais. A violência nas escolas afeta de forma certa a família podendo influenciar em questões educacionais, tornando-se difíceis de serem solucionadas.

Portanto, viabilizar o acesso a informações sobre violência escolar e bullying, pode estimular o diálogo e o respeito aos alunos e aos seus direitos, com base nisso Fante e Pedra (2005) afirmam que os instrumentos essenciais utilizados na convivência entre alunos, professores e pais nada mais é que o afeto, o diálogo e as atividades educativas, assim o primeiro investimento em valores e respeito ao próximo e não a violência vem do seio familiar. Além de a família ser o objeto da primeira interação da pessoa como ser social, a escola deve definir e estipular aos profissionais que adquiram habilidades específicas e técnicas que facilitam a implantação de estratégias preventivas às violências no espaço escolar.

O bullying é considerado um problema de saúde pública uma vez que afeta as relações sociais, o desempenho escolar e a saúde de crianças e adolescentes. Portanto, a cultura de paz que é um preceito da formação humana deve estar no ideal pedagógico dos profissionais e da escola. Apesar de ser um problema complexo o bullying pode ser prevenido e combatido se a escola, os profissionais e a família o enxergarem como problema. Sendo assim, a melhor maneira de solucionar o problema é por meio do diálogo e da conscientização. É necessário conscientizar os espectadores, os que praticam e todos aqueles que direta ou indiretamente contribuem com a prática de bullying.



## **CAPÍTULO 3**

### **O OLHAR, A REFLEXÃO E AS ATITUDES DOS EDUCADORES, PARA A REALIDADE DO *BULLYING***

#### **3.1 A gestão escolar frente às manifestações do fenômeno *bullying***

A maior ocorrência do fenômeno bullying tem sido no ambiente escolar, independente de cultura ou classe social, e na maioria das vezes negada pelas instituições. A violência contra crianças e adolescentes viola seus direitos e causa danos irreparáveis nas vítimas. A violência é um ato aprendido, portanto pode ser desaprendido e evitado.

Nessa perspectiva uma forma de reprimir a violência dentro da escola é por meio de ações e estratégias planejadas dentro de um processo educativo coletivo com a participação de todos. Assim, faz-se necessária a participação efetiva do gestor educacional como mobilizador das ações planejadas.

O trabalho desenvolvido pelo gestor escolar vai além de trabalhos administrativos, ou seja, o gestor escolar realiza inúmeras funções dentro da instituição que vai do pedagógico ao financeiro. Na atualidade as responsabilidades de um gestor educacional estão aumentando consideravelmente. Na era da comunicação instantânea os desafios enfrentados pelos gestores tem sido os mais diversos que precisam ultrapassar esses desafios da melhor maneira possível.

A tarefa de ser gestor é árdua e difícil, sua atuação é concludente dentro do processo ensino aprendizagem, por isso, a parte pedagógica não pode ser deixada de lado. O gestor precisa priorizar o trabalho em equipe, se comunicar com o corpo docente de maneira eficiente para que possa identificar as necessidades de transformações e estimular a formação continuada dos profissionais que trabalham na instituição a qual é gerida por ele, buscando efetivar sua atuação ao trabalho pedagógico.

Com a ampliação significativa das atividades de um gestor muitos deparam cotidianamente com diversas situações em diferentes níveis e planos que precisam ser solucionadas. A escola deixou de ser uma instituição burocrática com a democratização da gestão, se tornando um instrumento de efetivação da intencionalidade política e pedagógica orientadas por princípios estabelecidos em seu Projeto Pedagógico. Dessa forma, a escola se constitui como espaço de formação da



identidade profissional do professor em busca de um trabalho coletivo articulando teoria e prática.

Assim, frente ao assunto exposto não é somente a escola que deve repensar seu modelo educativo, mas o gestor também precisa repensar suas ações pedagógicas, visto que, o gestor é um dos responsáveis pela instituição, pelo seu funcionamento e por todo processo educativo. A escola representa sua comunidade, contribuindo com a formação cidadã dos sujeitos que serão atuantes nessa sociedade. Sendo assim, os projetos devem ser voltados para o interesse e as necessidades da comunidade.

A gestão escolar precisa direcionar suas ações para o interesse coletivo da comunidade e sua realidade. Um dos seus desafios é lutar contra qualquer tipo de violência dentro e fora do espaço educativo, inclusive contra o bullying, que exige da gestão atenção e cuidados especiais, investimentos na prevenção e no seu combate. O bullying é um problema da contemporaneidade e a responsabilidade de lidar com ele não é apenas do professor, mas também do gestor, tendo em vista que o Projeto Político Pedagógico deixa claro que a gestão escolar norteará as ações institucionais de forma democrática e participativa, indicado que todos os profissionais da escola são corresponsáveis pelas ações educativas que acontece ali, incluindo o gestor. Ou seja, o problema da violência é responsabilidade de todos os agentes do processo educacional.

A escola no geral tem a função de reconhecer a existência da problemática a fim de traçar estratégias para eliminá-la, além das responsabilidades exercidas pela escola, a preocupação em prevenir o bullying e as demais formas de violência devem ser questionadas ainda nos primeiros anos de vida do indivíduo, onde a família participa ativamente da transmissão de uma cultura de paz e respeito as diferenças juntamente com a escola, a sociedade e o Estado.

Continuando, uma gestão democrática zela por uma educação de qualidade, valoriza e incentiva iniciativas que desenvolvem uma cultura de paz. Acolhe projetos que visam as boas relações e o respeito com outro, as diferenças e a dignidade dos sujeitos. A gestão escolar por meio de recursos materiais físicos e pedagógicos deverá oferecer possibilidades para o desenvolvimento de projetos que busquem prevenir e combater as ocorrências de bullying e de quaisquer tipos de violência no espaço escolar.

Investir em prevenção é sempre mais eficiente do que investir no combate, implementando ações planejadas, estudadas, analisadas, aplicadas e avaliadas periodicamente para que, se necessário sejam revistas e reelaboradas. A escola como espaço formativo de consciência e comprometimento social, precisa cultivar valores e atitudes alicerçado no respeito mútuo e na solidariedade apoiada pelas famílias. A família, entretanto, deve se fazer presente na vida escolar das crianças, quanto mais próximos, mais capacitados estarão para enfrentar o bullying e identifica-lo. Quando há participação efetiva da família na vida do aluno a comunidade escolar automaticamente toma consciência da existência de possíveis agressões podendo combater-la de forma mais eficaz, além de buscar estratégias para eliminá-lo.

A prevenção de qualquer tipo de violência começa na família. A família é o suporte e a referência para que a criança tenha um desenvolvimento saudável e boas relações sociais, O gestor juntamente com a família e toda a comunidade educativa, podem organizar ações que estimulem a criatividade dos alunos utilizando-se das artes em suas mais variadas formas, propondo discussões em todos os espaços, escolares que não seja apenas a sala de aula para a defesa da amizade e do respeito visando o bom relacionamento entre alunos e profissionais da escola.

Dessa forma, ações podem ser tomadas na prevenção e no combate ao bullying, visando um maior envolvimento da família, da comunidade e de órgãos públicos; envolvendo os alunos nas atividades organizadas e realizadas dentro da escola; promovendo a formação continuada de professores e indo em busca de apoio de outros órgãos e instituições. Portanto, diversas ações podem servir de ferramentas na prevenção do bullying desde que a gestão escolar pratique uma política que atenda a LDB 9394/96 no que diz respeito formação para a cidadania e para o enfrentamento da violência.

Nesse sentido, a escola é um lugar privilegiado para promover a cultura da paz e da não violência, para o exercício da cidadania e do resgate de valores essenciais a uma convivência saudável e para o exercício e promoção da cidadania. Para que isso ocorra a escola precisa prever em seu projeto político pedagógico a educação integral dos sujeitos e sistematizar conhecimentos interdisciplinares, articulando valores sociais para a formação de sujeitos conscientes de seus direitos e deveres. A escola deve criar programas preventivos que sejam capazes de proporcionar um ambiente educacional seguro, onde os estudantes possam aprender e se desenvolver sem medo da violência.

Os programas deverão atender as necessidades, a realidade e as especificidades de cada instituição, por meio de diagnóstico para o conhecimento de sua realidade e atuação sobre os fatores que contribuem para a propagação e manutenção do bullying. Visando promover a interiorização de valores e atitudes de tolerância e respeito as diferenças individuais e socioculturais, conscientização e empatia, conscientização sobre direitos e deveres dos estudantes, dos pais, dos profissionais, promoção da educação democrática, participativa e da cultura da paz.

### **3.2 Os professores e o enfrentamento do *bullying***

O combate ao bullying nas escolas se perpetua há quase trinta anos, onde começou ser estudado e identificado como um comportamento violento. Embora tenha sido reconhecido, no Brasil tal reconhecimento chegou de forma tardia, sendo abordado apenas no ano de 2000 pela pedagoga Cleo Fante destrinchando sobre o assunto em suas pesquisas. Apesar de tudo, não se obteve muito sucesso em relação à problemática quando se trata da importância que as escolas dão ao tema, pois ainda é observada muito despreparo dos profissionais em relação ao bullying. A capacitação desses profissionais que vão lidar com a violência na linha de frente é essencial para a prevenção e o combate de forma mais eficaz, bem como o reconhecimento das agressões, visando à tomada de consciência nas escolas de forma que estas façam a devida intervenção frente ao ocorrido.

Dentro da escola o local em que o bullying ocorre com mais frequência é a sala de aula, espaço de muitos conflitos e agressões onde pode se observar comportamentos repetitivos, num período mais longo de tempo e contra a mesma vítima. No entanto os professores não estão preparados para identificar o problema e acabam não realizando a intervenção necessária.

Nessa perspectiva, há necessidade de compreensão no que se refere aos processos de construção da violência na instituição educacional. O que nos leva a crer que não devemos nos omitir frente ao assunto exposto. Para isso não pode haver dicotomia entre teoria e prática. A práxis deve ser orientada pelo processo constante de ação/reflexão, crítica/ação, superando o desafio do combate ao bullying. Desta forma, cabe aos professores enquanto mediadores dentro do processo ensino-aprendizagem acreditar que é possível reverter tal cenário e trabalhar pela paz no ambiente escolar.

Perante o cenário existente em nossa sociedade o professor não pode se omitir diante de um mal que atinge toda a sociedade, infelizmente o bullying é um assunto bem conhecido pelos professores nas escolas, mas poucos sabem como lidar diante de tal situação, a busca pelo conhecimento é o aliado para amenizar o bullying e seus efeitos negativos, a falta de conhecimento é o grande aliado para sua propagação. A falta de atitude dos professores pode ser considerada como negligencia, uma vez que se tem a consciência de que o fato existe.

Quando uma ocorrência de bullying é detectada pelo professor, ele deve imediatamente tomar uma atitude, acolher a vítima para que esta tenha confiança em expor suas fraquezas e relatar os fatos. O primeiro procedimento que deve ser tomado pelos professores é a observação das relações interpessoais dos seus alunos, pois logo nos primeiros meses de aula já se pode notar algumas atitudes de conflitos entre os estudantes e começar a refletir como poderá ser feitas possíveis intervenções em busca de coibir esse tipo de prática.

Precisam estar atentos também aos alunos que demonstram um comportamento agressivo e dominador que gostam de se destacar ao ridicularizar um colega, que não se interessam pelos estudos ou que faltam com frequência às aulas. É preciso que os alunos estejam sob supervisão visual de um adulto para que seja possível perceber se há alguma criança que esteja sofrendo algum tipo de perseguição ou sendo maltratada e se reage em sua defesa.

A observação muitas vezes é uma das formas que o professor tem para descobrir se um aluno está sofrendo ou praticando bullying. Durante a prática de bullying acaba prevalecendo sempre à lei do silêncio. Muitos profissionais não se atentam aos detalhes das observações e dessa forma não conseguem ver o problema, e acabam acreditando que ele não existe.

Acontece uma mistificação sobre o bullying, sendo confundido como brincadeira natural do desenvolvimento e que as próprias crianças conseguiram resolver. Mas como afirmado anteriormente, o bullying não é uma brincadeira, o bullying precisa ser detectado, diferenciado dos conflitos próprios das idades e das brincadeiras de mau gosto. Para o adolescente fica mais fácil de entender o que se passa, é quando a brincadeira fica mais séria.

Para as crianças identificar o que está acontecendo como sendo uma prática de bullying é muito confuso, elas geralmente mudam o comportamento como uma defesa natural demonstram agressividade, tristeza, isolamento, dor de cabeça,

irritação, se recusam a ir para a escola usando diversos motivos. Diagnóstico segundo Fante e Pedra, (2008, p. 108):

Aconselhamos que se recorra sempre aos critérios de identificação do bullying: ações deliberadas e repetitivas, desequilíbrio de poder, ausência de motivação evidente e sentimentos despertados. É imprescindível que se analise também o grau de comprometimento da vitimização, que pode ser considerado leve, moderado e crônico.

Para facilitar seu trabalho e compreensão acerca do fenômeno bullying o professor poderá realizar pesquisas sobre as características que designe e identifique o bullying, para que ele tenha acesso a dados que possam subsidiá-lo em caso de necessidade. No entanto, a escola precisa pensar na formação continuada do professor visando prepará-lo e para mediar possíveis conflitos.

Segundo Perrenoud *apud* Faria e Costa (2011) a transformação está mudando as sociedades visando à importância da formação dos saberes de docentes na atuação contra o bullying. O pensamento a comunicação e a vida no geral são constantemente alterados pelas tecnologias, com isso as desigualdades se agravam se fazem novas em territórios inexplorados, assim a violência na escola faz com que a sociedade passe por um processo na mudança sociocultural excitando o pensamento e a necessidade de buscar uma mudança para a sociedade, trazendo consigo sua evolução e proporcionando aos indivíduos sociais, professores e alunos participarem dessa transformação. Dessa forma, o autor reforça a ideia da formação docente para que haja de modo reflexivo atitudes voltadas para a promoção da relação menos individual na sociedade.

Com a valorização na formação dos educadores os saberes docentes ganham impulsos e também um novo visual na literatura, na busca de diferentes identificações dos saberes nesta prática. Com isso, a educação se torna essencial na procura de um mundo mais sociável, onde o docente se compromete a reconhecer os saberes pondo em prática seu conhecimento acerca do que é o bullying, assumindo seu papel e contribuindo na busca de um mundo melhor e mais justo, sem medo.

De certo modo, é imprescindível destacar as dificuldades enfrentadas pelos docentes nesse âmbito, assim a compreensão do saber é adquirida no momento em que o educador se permite lidar com comportamentos de indisciplinas e violência no cotidiano escolar, fácil não é, e nunca foi lidar com este tipo de comportamento nas

escolas, assim a formação docente para lidar com a questão da violência é de fato muito importante

Dessa maneira, é fundamental que sejam discutidos fenômenos como a violência, analisando-os e buscando de maneira aprofundada conhecimento sobre estas manifestações agressivas praticadas pelos educandos. É essencial que o professor esteja preparado para auxiliar na construção de intervenções escolares além de estar inserido em programas de formação inicial e continuada voltada para essa proposta.

Está mais que evidente que a violência faz parte de um dos grandes problemas da educação atual, onde o professor atua de forma fundamental na prevenção e redução da violência nas escolas entre elas o bullying. De fato, é necessário que este profissional seja capacitado durante esse processo de formação inicial bem como na atuação prática na escola, porém, o processo formativo submetido mostra-se frágil, para tamanha responsabilidade docente.

Assim, os saberes construídos pelos professores de maneira coletiva nas escolas têm dado norte às estratégias usadas para resolver os conflitos que envolvem a violência e o bullying nas instituições educativas. Os saberes da prática são essenciais sendo responsáveis pelos resultados de experiências positivas. Portanto, este tem de estar alinhado aos saberes disciplinares a fim de que as estratégias utilizadas contra a violência sejam mais assertivas onde a formação de professores seja garantida para que estes possam agir frente ao fenômeno do bullying e da violência.

Uma vez que os procedimentos de identificação do bullying já foram feitos por todo o corpo docente, é preciso que essas informações não fiquem restritas apenas aos diretores e professores, é muito importante que toda a escola esteja integrada para coibir e prevenir, tendo em vista que o bullying acontece em todo espaço escolar, essas ações devem ser em conjunto com a comunidade, famílias e escola em um projeto que abrange a todos com informação e procedimentos a serem tomados.

Nessa perspectiva no espaço escolar é essencial que haja relações de respeito entre educandos e educadores, garantido liberdade de expressão a ambos. Assim, são destacados nessa mesma ideia, papéis importantes que devem ser seguidos por professores na prevenção do bullying, como observar atentamente como os alunos se comportam dentro e fora da sala, desenvolver um ambiente confortável para todos os alunos na sala de aula, quando houver denúncia de bullying que o professor

procure de imediato à direção da escola, entre outras práticas que devem ser exercidas.

Dessa forma, as alternativas de prevenção do bullying no ambiente escolar vão além de campanhas, terapias individuais ou grupos de autoajuda, sem produzir sobrecarga nas atribuições dos educadores. A valorização dos trabalhadores da educação ainda é um tanto precária no Brasil, mas nada impede que pequenos gestos por parte da sociedade seja capaz de criar, apoiar e incentivar a formação continuada, o estímulo de práticas pedagógicas consolidadas com desestruturação dos bloqueios culturais automaticamente produz consolidação dos direitos humanos com mudanças na sociedade bem como na comunidade escolar.

Portanto, viabilizar o acesso as informações sobre violência escolar e bullying, pode estimular o diálogo e o respeito aos alunos e aos seus direitos, com base nisso Fante (2005) afirma que os instrumentos essenciais utilizados na convivência entre alunos, professores e pais nada mais é que o afeto, o diálogo e as atividades educativas, assim o primeiro investimento em valores e respeito ao próximo e não a violência vem do seio familiar. Além de a família ser o objeto da primeira interação da pessoa como ser social, a escola deve definir e estipular aos profissionais que adquiram habilidades específicas e técnicas que facilitam a implantação de estratégias preventivas às violências no espaço escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Somos sujeitos formados por nossas características pessoais e pela influência do ambiente em que estamos inseridos, ambiente familiar, social, escolar. Ou seja, nós não nos fazemos sozinhos, não somos sujeitos separados do ambiente em que vivemos. Refletimos os valores éticos, morais e sociais que o ambiente e a sociedade criam, e isso acaba nos compondo.

Assim, o tema bullying, se faz de suma importância que seja discutido cada vez mais no ambiente escolar, familiar e social, pois é considerado por estudiosos como uma violência que está cada vez mais presente nas relações entre crianças e adolescentes colocando em risco o futuro desses sujeitos, uma vez que os valores de humanidade estão cada vez mais distantes da própria raça humana.

A violência tem sido um dos principais problemas sociais da atualidade, posto que, essa violência está também inserida no ambiente escolar. A prática do bullying nas escolas vem crescendo de maneira assustadora, as manifestações de violência envolvem ameaças, agressões físicas e psicológicas, principalmente entre os alunos. Portanto, se faz necessário que todo o processo de prevenção e combate ao bullying seja o objetivo da escola e de toda sociedade, tendo em vista que, ambas têm a responsabilidade de formar crianças e jovens capazes de dar seguimento a futuras gerações.

As mudanças e evoluções sociais pelas quais passamos, nos leva a refletir sobre novos paradigmas, que superem questões culturais, indo contra a inércia da prática punitiva dos envolvidos nesse fenômeno denominado bullying e fazendo com que nos vejamos no dever de coibir qualquer manifestação de violência que fira a dignidade da pessoa humana e a pacificação social.

Tendo como referência pensar o fenômeno do bullying como um tipo de violência, que vem se ampliando na sociedade contemporânea, que está cada vez mais presente nas escolas, podendo afetar o desenvolvimento da criança como um todo, bem como a qualidade do ensino-aprendizagem, a socialização entre as crianças posso aferir que os objetivos propostos foram alcançados.

Nessa perspectiva, pode-se compreender o fenômeno do bullying em sua dimensão social, humana e pedagógico, identificando as interfaces do bullying no contexto socio histórico, internacional, nacional e regional, destacando a função social



da escola e o papel dos educadores frente à realidade do fenômeno bullying, bem com as suas influências desenvolvimento social, afetivo, cognitivo das crianças.

Nessa perspectiva, ampliei meu conhecimento sobre o tema ao conhecer e reconhecer essa a problemática sobre o ponto de vista, da responsabilidade dos envolvidos nessa violência, o amparo da legislação aos que sofrem o bullying e as penas àqueles que o cometem, as suas diversas causas e consequências. Destaco ainda, que essa investigação é um elemento completar à minha formação pois, esse tema bullying *não* constitui conteúdo curricular no Curso *de* Pedagogia.

Esses conhecimentos são indispensáveis ao educador, pois complementa a sua formação integral, podendo esse profissional, na instituição escolar em que for atuar, possa ter um olhar diferenciado para o educando a fim de lhe assegurar a integridade física, psíquica, moral.

E por fim, entendendo a complexidade desse fenômeno social no conjunto da sociedade e compreendendo, que a responsabilidade em mudar essa situação de violência, muitas vezes implícita, escondida, simbólica, não é somente das instituições de ensino e seu corpo docente, mas deve ser uma ação conjunta envolvendo e as famílias e a com a sociedade.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. (Coord.). **Cotidiano nas escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2006.

ARENHERI, Stella. Bullying na escola está ligado à má relação Familiar, diz estudo. **Jornal da USP**. 2017. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-da-saude/bullying-na-escola-esta-ligado-a-ma-relacao-familiar-diz-estudo/#:~:text=O%20bullying%20%C3%A9%20um%20problema,de%20estudantes%20com%20o%20bullying>. Acesso em: 6 de out. de 2020 as 19:00hs.

ARROYO, Miguel González. Quando a violência infanto-juvenil indaga a pedagogia. **Educ. Soc.** Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 787-807, out. 2007.

BARBOSA, Daniel. As 14 causas do bullying escolar no Brasil. Politize. Trilhas. 2017. Disponível em: <https://www.politize.com.br/abandono-escolar-causas/>. Acesso em: 01 de out. de 2020.

BEZERRA, Alberto de Souza. **Prevenção ao fenômeno *Bullying***: um estudo com grupos focais sobre o papel social do professor. Curitiba: CRV, 2010.

BRANDÃO, Elias Canuto; MATIAZA, Loide Delbem. Bullying: violência socioeducacional - desafio permanente. **Pedagogia em Ação**, v. 9, n. 1, 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/14120> Acesso em: 05 de out. de 2020.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. 5 de outubro de 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.html](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.html). Acesso em: 07 de mar. de 2020.

\_\_\_\_\_. **Código Penal**. Org. Antônio Clarét Maciel dos Santos; Coord. Dulce Eugenia de Oliveira. São Paulo: Saraiva, 1999.

\_\_\_\_\_. **Ética e cidadania**: construindo valores na escola e na sociedade. Módulo 3. Direitos Humanos. Brasília: Ministério da Educação, 2004.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Decreto Nº 5.296 de 02 de dezembro de 2004**. Brasília: MEC/SEE, 2004.

\_\_\_\_\_. **Estatuto da Criança e do adolescente**. 13 de julho de 2008. Brasília: Imprensa Nacional, 2009.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Secretaria Geral. Lei n. 13.185, de 06 de novembro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). **Diário Oficial da União, República Federativa do Brasil**. nº 213. Brasília: Imprensa Nacional, 2015.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Bullying**: especialistas indicam formas de combate a atos de intimidação. 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas->

noticias/211-218175739/47721-especialistas-indicam-formas-de-combate-a-atos-de-intimidacao Acesso em: 27 de julho de 2020

ESPECIALISTAS indicam formas de combate aos atos de intimidação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34487>>acesso em 20 de set. de 2020.

FANTE, Cleo; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar**: perguntas & respostas. Porto Alegre: Artmed, 2008.

\_\_\_\_\_. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. rev. e ampl. Campinas, SP: Verus, 2005.

FARIA, Ana Cláudia Andrade; COSTA, Jaqueline Batista de Oliveira. Violência escolar: o fenômeno bullying e a formação docente. In: X CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Anais...** p. 2856-2869. Curitiba, 07 a 10 de nov. de 2011. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5135\\_2715.pdf](https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5135_2715.pdf)

FERNANDES, Grazielli; YUNES, Maria Angela Matar; TASCETTO, Leonidas Roberto. Bullying no ambiente escolar: o papel do professor e da escola como promotores de resiliência. **Revista Sociais e Humanas**, v. 30, n. 3, p. 141-154, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/sociaisehumanas/article/view/27701> Acesso em: 05 de out. de 2020.

FISCHER, Rosa Maria. **Bullying escolar no Brasil relatório final**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Educação básica no Brasil na década de 1990: subordinação ativa e consentida à lógica do mercado. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 24, n. 82, p. 93-130, abr. 2003. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302003000100005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302003000100005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 22 de set. 2020.

GOIÂNIA é vanguarda no enfrentamento ao *bullying*. Disponível em: <https://escoladainteligencia.com.br>. Acesso em: 20 de set. de 2020.

LOPES NETO, Aramis Antônio. *Bullying* comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal da Pediatria**. Rio de Janeiro, v. 81, (5 supl.) p. 164-172, 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S00215572005000700006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S00215572005000700006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt). Acesso em: 15 de ago. de 2020.

\_\_\_\_\_. **Bullying**: saberes identificar e como prevenir. São Paulo: Brasiliense, 2011.

MIYAZATO, Daniel. Bullying está ligado a baixo desempenho escolar de vítimas, agressores e testemunhas. **AUN – Agência Universitária de Notícias**. 2017. Disponível em: <https://paineira.usp.br/aun/index.php/2017/05/15/bullying-esta-ligado-a-baixo-desempenho-escolar-de-vitimas-agressores-e-testemunhas/#:~:text=O%20recente%20artigo%20Desempenho%20escolar,para%20v%C3%ADtimas%2C%20agressores%20e%20testemunhas>. Acesso em: 13 de out. de 2020 as 20:00hs.

NETO, Cláudio. Como combater o bullying na escola. 2018. **Nova escola - Notícias**. Disponível em: <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/1974/como-combater-o-bullying-na-escola>. Acesso em: 19 de ago. de 2020.

OLIVEIRA, Cida de. Só 5% das crianças com deficiência que entram na escola chegam ao ensino médio. Rede Brasil Atual. 2013. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2013/03/dos-alunos-com-deficiencia-que-entram-na-escola-so-5-chegam-ao-ensino-medio-1/> Acesso em: 06 de out. de 2020 as 22:00hs.

OLIVEIRA, Sérgio Freitas; CRUZ, Janaína Diniz; RIBEIRO, Kele da Silva. O gestor escolar e os desafios do bullying: identificar, dialogar, gerir toda a equipe e ajudar. **Pedagogia em Ação**, v. 9, n. 1, p. 54-64, 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/15778>. Acesso em: 10 de out. de 2020.

PEREIRA, Kris, Kristoferson. Consequências e implicações do bullying nos envolvidos e no ambiente escolar. Portal Educação. Disponível em: <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/direito/consequencias-e-implicacoes-do-bullying-nos-envolvidos-e-no-ambiente-escolar/29893>. Acesso em: 13 de out. de 2020 as 15:00hs.

PESQUISA da ONU mostra que metade das crianças e jovens do mundo já sofreu bullying. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br> acesso em 22 de agosto de 2020.

PORFÍRIO, Francisco. Bullying: o que é, consequências nas escolas. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/bullying.htm>>acesso em 10 de setembro

SILVA, Ana Beatriz. B. **Bullying**: mentes perigosas na escola. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

SOUZA, Ivanice Tavares de. **A atuação do gestor e o combate à violência**. Brasília. 64 f. Monografia. (Especialização em Gestão Escolar) - Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação. Universidade de Brasília, 2014. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/9218/1/2014\\_IvaniceTavaresDeSouza.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/9218/1/2014_IvaniceTavaresDeSouza.pdf). Acesso em: 20 de set. de 2020.